

A questão do poder na perspectiva winnicottiana

The question of the power in the winnicottian perspective

Silvana Reis Farias¹
Rosane C. P.

Spizzirri²

Resumo: Na contemporaneidade, que busca descrever como ocorre o processo de subjetivação, revisamos o lugar do poder na filosofia, na perspectiva de Winnicott, Aulagnier e Berenstein, assinalando que há um lugar para o termo *poder*, até agora implícito na teoria. Abordamos o (1) o poder contido no *ambiente*, capaz de fazer surgir a saúde ou a doença, (2) o poder contido na capacidade do indivíduo em seu *viver criativo* e também (3) àquele inerente às figuras parentais, inseridas na cultura e sociedade. A questão do poder que circunscreve o vínculo da mãe com o bebê, definindo a prevalência de um verdadeiro ou falso self no funcionamento psíquico, irá definir o rumo de sua saúde emocional. Encontramos na força da *fantasia* inconsciente, uma das expressões dessa onipotência incessante: De sermos os criadores do mundo. Na relação materna, o uso inadequado de todo este poder, seja pela dependência da mãe a este lugar de destaque na vida do filho, ou por causar a dependência do bebê, gera o que poderá patologizar a criança e sua vida, caracterizando o abuso de poder típico do vínculo simbiótico.

Summary: In contemporary , that it searches to describe as the subjectivity process occurs, we revise the place of the power in the philosophy, in the perspective of Winnicott, Aulagnier and Berenstein, designating that it has a place to the term power, so far it's implicit in the theory. We approach (1) the power contained in the environment, capable to make to appear the health or the illness, (2) the power contained in the capacity of the individual in its creative life and also (3) to that power inherent to the parental figures, in the culture and society. The question of the power that circumscribes the bond of the mother with the baby, defining the true-self or false-self in the

1 *Psicóloga, Especialista em Infância e Adolescência, Especialista em Psicanálise Vincular, Membro Efetivo e Docente do CIPT.*

2 *Psicóloga, Mestranda em Psicologia Social, Especialista em Infância e Adolescência e Psicanálise Vincular, Membro Efetivo e Docente do CIPT.*

psychic functioning, will go to define the route of its emotional health. We find in the force of the unconscious fancy, one of the expressions of this incessant omnipotence: To be the creators of the world. In the maternal relation, the inadequate use of all this power, either for the dependence of the mother to this preeminence place in the life of the son, or for causing the dependence of the baby, generates what it will be able to patologizy the child and its life, characterizing the abuse of being able typical of the symbiotic bond.

Descritores: Falso self, Nietzsche, Schopenhauer, ambiente, Foucault, simbiose e intersubjetividade.

Keywords: False self, Nietzsche, Schopenhauer, environment, Foucault, symbiosis and intersubjectivity.

Ao estudarmos o poder em suas diferentes conceituações, relacionando a psicanálise a outros campos do saber, tais como a sociologia, filosofia e antropologia, surgiu a idéia audaciosa de revisitarmos Donald Winnicott, em quem fundamentamos nosso trabalho clínico. Winnicott entretanto, preconizou essencialmente a questão do *ser* em sua obra, mas ainda assim, é a partir deste viés que nos propusemos a pensar o poder. Debruçamo-nos, então, sob três aspectos, a saber: (1) o poder contido no *ambiente*, capaz de fazer surgir a saúde ou a doença, (2) o poder contido na capacidade do indivíduo em seu *viver criativo* e também (3) àquele inerente às figuras parentais, inseridas na cultura e sociedade.

O poder como manifestação vital

Quando Winnicott abordou a relação do indivíduo com a sociedade, sendo esta uma extensão da família, considerando os termos de saúde e doença, declarou:

“Digamos que um indivíduo saudável é capaz de alcançar uma certa identificação com a sociedade sem perder muito de seus impulsos, individuais ou pessoais. É claro que deve existir alguma perda, no sentido de controlar o impulso, mas uma identificação extremada com a sociedade acompanhada de perda do self, não é normal de modo algum” (1996,p21).

Da filosofia podemos trazer algumas reflexões em contextos diferenciados que continuam relevantes e polêmicos, no que concerne ao *exercício do poder* como, por exemplo, as propostas de uma estrutura político social supostamente ideal, como desejava Platão. Na *República*, temos os estudos sobre a ânsia pelo poder, o medo, o pacto social e a instituição do princípio da autoridade, contidos no *Leviatã* de Hobbes e, ainda mais recentes, as idéias de Foucault sobre a *Micropolítica do Poder*, tramada nas relações poder-saber, que engendram e mobilizam poderosos dispositivos de controle, produção de formas de pensamento e ação. Foucault ressaltou que, diferente de uma visão centralista de poder, este é sempre relacional, e portanto intersubjetivo, é exercício, ação de uns sobre outros, tendo a perspectiva constante da resistência; ele abordava o homem como sujeito e objeto do conhecimento e entendia o poder como uma rede. Em Nietzsche o poder se expressa essencialmente através do conceito de *Vontade de Poder*, que alude à instância criadora e à impulsão inventiva. Em Schopenhauer a essência mais íntima do ser é a *Vontade de Viver*. *Vontade de Poder* é assim uma forma similar da expressão conceitual da *Vontade de Viver* e é sobretudo capacidade de impelir a vida para uma plena realização de si. A morte de Deus nietzschiana, condensa a reflexão sobre o poder numa linha

semelhante a de Foucault, pois o puro exercício da *Vontade de Poder* humana é a afirmação de si.

O homem é, portanto, dotado de poder, tanto sobre si quanto sobre outros. Quando o poder se apresenta sob a forma de “excesso de poder”, temos o que chamamos de *violência*. Para Berenstein (2006), o máximo de poder é dar a vida e também tirar a vida de outro ser humano, bem como, poder decidir que tipo de vida vale a pena ser vivida. Significa ação e presença, ou seja, um ato que produz uma prática, em ambos os sentidos, tanto como verbo (ação) ou substantivo (possessão e autoridade). Como verbo, refere-se a ações consistentes de um sujeito com outro, ato este verdadeiramente intersubjetivo, marcado pelo poder da presença que leva a modificações nos sujeitos envolvidos em relação à identidade destes. Por esta razão, podem se tornar fontes geradoras de sofrimento psíquico, através da submissão. Já a violência, expressa-se na ação de suprimir ou destruir o outro, tanto no que se refere ao corpo, quanto à subjetividade.

O *ambiente* demasiadamente intrusivo, aniquila a possibilidade do viver criativo, pois rompe com o espaço potencial capaz de produzir a *ilusão*. Posto assim, este ambiente condensaria dois conceitos: *poder e violência*. O poder contido na capacidade de criar, capaz de transformar a primeira possessão não-eu em *objeto transicional* através dos *fenômenos transicionais*, marca o começo da alteridade e caracteriza a raiz da criatividade, apresentada num espaço compartilhado. Funda neste processo, o sentimento de confiança tornando-se base para o *viver criativo*.

Winnicott estabelece a noção da importância existente no fato do indivíduo sentir que esteja vivendo sua própria vida, o que poderíamos correlacionar à conceitualização de *Vontade de Viver* de Schopenhauer, *Vontade de Poder* de Nietzsche e afirmação de si, assumindo responsabilidades, pela ação ou pela inatividade; emergindo da dependência para a independência, ou melhor para a autonomia. Isto seria o resultado do *ambiente* ter oferecido um “segurar satisfatório”, um sentimento de continuidade de existência, que se transforma num “senso de existir”, num *senso de self* que finalmente transforma-se em autonomia. Contudo, aponta que o universo é composto por duas classes de pessoas:

“Há aquelas que jamais se desapontaram enquanto bebês, e, na mesma medida são candidatas a viver alegremente e aproveitar a vida. E há as que sofreram experiências traumáticas, provenientes de decepções com o ambiente, e que necessitam carregar consigo perpetuamente as lembranças do estado em que se encontravam no momento do desastre. Estas são candidatas a levar vidas tempestuosas e tensas e talvez candidatas à doença. Existe, no entanto, um grupo intermediário. Poderíamos incluir aqueles que trazem consigo a experiência de ansiedades ou impensáveis ou arcaicas, e que

estão mais ou menos bem defendidos. Refiro-me às pessoas que tiveram que organizar uma fachada, um falso self para lidar com o mundo (aquela que esconde o trauma desorganizador) e pela qual pagam um alto preço...”(1996 p25-26).

Cabe lembrar que a organização do *falso-self* é facilmente aceita pela sociedade e possui função de adaptação ou, melhor, *sobre-adaptação*. O indivíduo encarrega-se de corresponder majoritariamente à demanda externa e, ainda que insuficientemente maduro para tanto, atribui à *mente* a responsabilidade pela sua manutenção. Ocorre um desinvestimento na esperança por parte do bebê, para com o seu cuidador e, paralelamente, um investimento maciço no cuidado de si, ainda fragilmente constituído .

Já na *tendência anti-social*, há uma manifestação de esperança, expressada através da conduta delinqüente, originada na experiência de privação emocional. Tal privação compreende bem mais do que um simples desapontamento ou instantes de carência; ocorre um verdadeiro desapossamento de algo bom, que foi positivo para a criança até uma determinada idade e foi retirado. Consiste numa condição traumática.

Podemos inferir que, o poder destrutivo contido na tendência anti-social é um “grito de socorro”, que alude sobretudo à força vital. Algo como: ...“*Socorro, salvem-me! Preciso sair deste estado de colapso e desamparo. Quero viver!*” Paradoxalmente, aqui a agressão e violência expressam-se como um pedido de ajuda, às vezes tardio e irreversível, outras conduzindo a novas representações vinculares, ressignificadoras portanto.

O poder implícito na parentalidade

Começamos então a intercruzar aspectos permeados pela cultura e pela sociedade, no que tange ao individual e o interpessoal, intrasubjetivamente e intersubjetivamente. O indivíduo portanto é um ser que advém de relações, perpassadas por relações de poder. Na relação parental o poder irá se expressar através de uma complexa rede de identificações e emoções. O bebê necessita da *mãe suficientemente boa* para obter sucesso em sua construção de self . Quando este processo não alcança sucesso , caracterizando-se como abuso de poder, o processo de subjetivação sofrerá prejuízos, interferindo entre outros aspectos na concepção de alteridade do indivíduo.

Freud, em 1923, no *O Ego e o Id*, abordou uma questão crucial que remete à origem da espécie e do homem. Aponta que se considerarmos a origem do superego, iremos reconhecer que esta é o resultado de dois fatores altamente importantes: um de natureza biológica e outro de natureza histórica. A primeira origem se deve a

prolongada duração do desamparo inicial e dependência infantil, a outra ao Complexo de Édipo, cuja repressão vincula-se à interrupção do desenvolvimento libidinal pelo início da latência. Ou seja, há a permanente influência do Poder dos pais, que perpetuam a existência dos fatores a que se deve a dívida de origem dos filhos, bem como à sua dependência (vol. XIX, p33).

Ao mencionar a questão da democracia na relação parental, Winnicott faz uma correlação com a política. Concebe que na história de qualquer indivíduo, existe registrado o fenômeno da relação pais e filhos, devidamente permeada pelo poder parental inerente. Supondo que, na vida política democrática madura, os eleitores sejam indivíduos maduros, estes certamente trazem ainda resquícios desta relação. Então, o que ocorre é um processo de escolha político-democrática de pais substitutos temporários. Estes pais temporários eleitos, reconhecem que até certo ponto, seus eleitores permanecem como crianças. Mas, mesmo os pais temporários eleitos, estando fora do trabalho profissional também se reconhecem crianças quando, ao infringirem uma lei de trânsito, são multados, por exemplo. Ficam da mesma forma submetidos à outra autoridade de representação dos pais.

É democrático o processo de escolha madura, porém alude ainda à condição infantil de dependência ao poder absoluto dos pais, que primeiramente exerce função organizadora, expressa também no conceito de função paterna, da lei do pai (simbólico), entretanto mantém-se registrado no psiquismo um lugar infantil, que perdura até a maturidade como condição humana. Em relação, então, a estas figuras parentais, consideramos relevante o conceito ferencziano de introjeção; quando o ego, durante sua formação, serve-se do mundo para realizar sua gênese e enriquecimento libidinal. Os objetos do mundo parental aos quais o indivíduo se liga para sua construção, só deixam de ter um poder extremo, quando o mesmo já os tiver introjetado mas de modo suficientemente bom. Neste processo de introjeção há uma duplicidade de identificação, por hora é a mãe que se identifica com o bebê e por hora é o bebê que vai se identificando com a mãe. Segundo Winnicott (1993), é por isso que a mãe vai desenvolver a capacidade de realmente saber o que o bebê deseja, acima de qualquer outro técnico que possa tentar descobrir o que o mesmo necessita.

Quando esta preocupação materna se torna exagerada, o processo torna-se patológico. A mãe pode abdicar de seu próprio self em favor da criança; ela permanece identificada com o bebê, mas também poderá abandoná-lo subitamente. Já se esta identificação ocorrer de modo mais saudável, ela se afasta desta identificação como num desmame adequado, gradualmente.

Aquela mãe que estabelece o vínculo com seu bebê pela via da identificação, na verdade esteve ligada a ela mesma e não ao bebê,

portanto o mesmo não chega a perdê-la, porque na verdade não chegou a tê-la. Nesta situação ocorre uma contínua experiência de indiscriminação simbiotizante; há o uso abusivo do poder da mãe.

Nos primórdios da vida humana faz-se necessária a capacidade da mãe de se preocupar, a que Winnicott chamou de *preocupação materna primária*. Esta decorre da associação que a mãe faz do bebê com um objeto interno, que possibilita a identificação com o mesmo. A partir da *preocupação materna primária*, a mãe tem a chance de tornar-se uma *mãe suficientemente boa*, e com isso dá-se a construção de um self verdadeiro, capaz de expressar necessidades genuínas, pré-requisito para a consolidação de um ego forte e saudável.

A psicanalista França, abordando a proposta winnicottiana, refere que o bebê, numa primeira mamada teórica, está pronto para encontrar algo em algum lugar, mas sem saber o quê. A mãe torna possível ao bebê ter a ilusão de que o seio, e aquilo que o seio significa, foi criado pelo impulso originado da sua necessidade. Obviamente sabemos que aquilo que o bebê criou não foi aquilo que a mãe forneceu. Deste o primeiro encontro da mãe com o bebê desabrocha a condição e a possibilidade nuclear da *Vontade de Poder* - impulso constante e irrefreável, tomado como o paradigma de sentir-se vivo, conforme a antropologia filosófica de Nietzsche. O verdadeiro potencial criativo vem da autêntica *Vontade de Poder*, como uma artéria de vida.

A obra winnicottiana baseia-se no conhecimento e entendimento da provisão ambiental e do vínculo mãe-bebê. Dentro deste referencial torna-se fundamental o entendimento da relação de poder implícita neste vínculo mãe-bebê. Desta situação inicial e dos encontros posteriores, a vida mental do bebê terá dois padrões de relacionamentos, conforme a análise apresentada por Winnicott:

“De um lado estará a vida privada do bebê na qual os relacionamentos têm por base a sua capacidade de criar mais do que a memória dos contatos anteriores e, de outro lado, estará um falso self que se desenvolve sobre uma base de submissão e se relaciona de forma passiva com as exigências da realidade externa [...] Este bebê que mama de um modo inteiramente passivo nunca poderá criar o mundo, e portanto não será capaz de construir relacionamentos externos, nem terá futuro como indivíduo. A exploração desse falso self complacente ou submisso não pode levar a um bom resultado. O self verdadeiro pode se tornar visível unicamente através de

um alimento recusado [...]” (Natureza Humana. 1954, p128).

A adaptação da mãe às necessidades do bebê na fase inicial de vida irá definir o quanto este indivíduo pode constituir-se em termos de *verdadeiro* ou *falso self*. Se, neste processo da adaptação, a mãe promove uma falha contínua e persistente, ou seja, não se apresenta suficientemente bem, o bebê fica isolado. Assim irá constituir-se isoladamente e de forma falsa. Isto nos fez recordar o “mito da mente isolada” (Storolow e Artwood,1992), onde os autores propõem uma discussão acerca dos fundamentos essenciais da existência humana, defendendo sua irrecusável matriz intersubjetiva. Num estágio posterior, o bebê será seduzido à submissão, propondo um conjunto de relacionamentos falsos, que por meio de introjeções poderá dar a aparência de ser real.

Cabe apontar também o conhecimento acerca do *verdadeiro self*. Segundo Winnicott (1983), sua manifestação mais significativa se dá pelo gesto espontâneo, é o verdadeiro self em ação e somente ele, pode ser criativo e real. Esta é uma experiência que traduz a coincidência da oferta adequada da mãe às necessidades do bebê, tornando possível a ilusão de que o mundo foi criado por ele. Gradualmente surge uma compreensão intelectual do fato de que a existência do mundo é anterior ao indivíduo, mas o sentido de que o mundo foi criado na mente não desaparece (Natureza Humana, p31).

O modelo de vinculação simbiótica: A “apropriação indébita” da subjetividade do outro

A questão do poder que circunscreve o vínculo da mãe com o bebê, definindo a prevalência de um verdadeiro ou falso self a predominar no funcionamento psíquico, irá definir o rumo de sua saúde emocional. Disto dependerá sua força criativa para adaptar-se às facilidades e dificuldades da vida. Considerando-se o falso self como uma defesa do verdadeiro self, cabe ressaltar que, se o uso do mesmo for demasiado, o verdadeiro poderá estar oculto, e isto acabará trazendo prejuízos para a vida psíquica, até mesmo em última instância, a morte desta. Desta forma o aparelho psíquico irá formular maneiras adaptativas, ou seja, defesas, na intenção de manter-se adaptado e integrado. Neste sentido, o uso da *fantasia* pode se tornar uma destas manifestações defensivas.

Encontramos na força da *fantasia* inconsciente, uma das expressões dessa onipotência incessante: De sermos os criadores do mundo! É nessa questão que nos deparamos com o poder na sua figuração substancializada, onde através dela tudo podemos “criar” e “fazer”: a vida ou a morte, a construção ou a destruição, a bondade ou a maldade. O entendimento do poder da *fantasia* levou à compreensão da função simbólica, sendo que através dela podemos

diferenciar, quando uma fantasia dá-se no nível da equação simbólica (Hanna Segal) e, quando permite prosseguir no desenvolvimento intelectual, chegando à compreensão do simbolizar.

No primeiro caso, temos a *fantasia* coisificada no objeto (figuração do conceito de fetiche) e, no segundo, a *fantasia* pode aliar-se à aquisição da noção de realidade e do real. O fascínio do poder relaciona-se muito mais à ordem do fetiche como substituto do poder pulsional, de vida, enquanto a criatividade e a simbolização relacionam-se mais à capacidade subjetiva de sentir-se portador da vida.

A construção da subjetividade está implicada diretamente nos cuidados maternos e é neste vínculo tão significativo, que a criança vai instituir-se como indivíduo. Sendo este um vínculo de intensa dependência, surge a possibilidade de que, da dependência necessária, caso a fantasia predominante configure-se na linha de fetiche, se estabeleça a imposição deste poder como prevalente, interferindo no processo simbólico e afetando a individuação. Isto seria a expressão de um tipo de "apropriação indébita", a presença de um remete o outro a um "exercício de submissão".

Winnicott (1975) assinala que o rosto da mãe é o espelho no momento inicial do vínculo. O bebê irá se reconhecendo a partir do olhar materno e a mãe suficientemente boa faz a decodificação das suas necessidades. Isto significa não ser intrusivo, assim como não ser ausente. Difícil articulação esta, pois a mãe terá que descobrir a "distância ótima". Aquela que nem se torna tão perto que impeça o processo de subjetivação saudável, assim como nem tão distante que desampare o bebê. Na pessoa da mãe instaura-se um lugar detentor de poder. É da mãe que vem o alimento, fonte de sobrevivência orgânica num primeiro momento, e será deste vínculo que surgirá também a sobrevivência psíquica, pois ao alimentar o bebê, ela fornece mais do que alimento.

Na relação materna o uso inadequado de todo este poder, seja pela dependência da mãe a este lugar de destaque na vida do filho, ou por causar a dependência do bebê, gera o que poderá patologizar a criança e sua vida, caracterizando o abuso de poder, típico do vínculo simbiótico. É assim então que surge a relação, em que há o predomínio deste modelo, onde o "outro" não existe. Só há espaço para a extensão da mãe; são dois indivíduos sem espaços individuais. A mãe que exagera na dependência, exagera no uso de poder. Poder de sustentar biologicamente e psiquicamente seu bebê, gerando no mesmo a crença de que ele não existe sem ela. Este exercício de poder gera violência e diferentes níveis de morte psíquica.

"Pode-se acrescentar que uma das características mais constantes e mais frustrantes da demanda que a mãe lhe dirige é a de fazê-lo supor que ela espera dele ainda uma resposta que ele ainda não pode dar, a qual será, portanto, (qualquer que seja ela) necessariamente decepcionante, assim

como todo pedido da mãe é por ele vivido como prova de uma frustração que ela quer lhe impor. O dizer e o fazer maternos antecipam sempre o conhecimento que pode ter o infans” (Aulagnier, p35,1979).

Conclusões

O leitor terá notado que evitamos cuidadosamente derivar o tema sobre questões pendentes na teoria como pulsão de poder, pulsão de domínio, pulsão sexual, pulsões do ego e do ir, meta inibida. Para nós, cumpre lembrar a extrema dependência do *infans* diante, prolongando sua vida fetal de modo a apreender o momento da humanidade, com sua vida e seu psiquismo amarrado à cultura, família, mãe e pai. É muito fácil acontecer a *violência secundária*. Fazemos muito para sermos amados. Esta tramitação que força, obriga, para nós é poder, independente de qualquer discurso metapsicológico. Queremos abrir o tema para novas perspectivas, independentemente de *doxas*. Finalmente, lembramos que a constituição saudável do bebê, a capacidade da mãe de identificar-se, poderá auxiliar na construção de um verdadeiro self em prevalência ao falso self. Aquela mãe que se deixa levar na aventura de sentir a emoção da maternidade, vai experimentar com seu bebê o potencial criativo que constrói o verdadeiro poder constituinte de vida.

Referências bibliográficas

AULAGNIER, Piera - **A violência da Interpretação**, Rio de Janeiro: Imago.1979 p35

BELMONT, Sérgio. **O dia em que Che Guevara e Winnicott se encontraram**. Rio de Janeiro, S.A. Belmont, 2003 p23

BERENSTEIN, Isidoro. Conferência: **Amor, poder y sexualidad en los vínculos en la contemporaneidad**. VII Jornada Anual do Instituto Contemporâneo – 26/8/2006 Porto Alegre/RS

EIZRIK, Cláudio L. - Conferência :**Poder e Sofrimento Psíquico**.XX Congresso Brasileiro de Psicanálise. Brasília - ABP – 2006.

FERREIRA, Carmo - **A Vontade de Poder**. Encontros do Lumiar. Lisboa/Portugal- Convento do Lumiar

FRANÇA, Maria Olympia A. F. - **O Fascínio do Poder - ABPSP**

FREUD, Sigmund. **Ego e o Id II** - 1923 p33 vol. XIX Obras Completas. Ed. Standard Brasileira . Rio de Janeiro: Imago, 1996.

STOROLOW, R.; ARTWOOD, G. **The intersubjective perspective**.

New Jersey, 1992.

WINNICOTT, D. - **A Criança e seu Mundo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

WINNICOTT, D. - **A Família e o Desenvolvimento Individual**. São Paulo, Martins Fontes, 1993.

WINNICOTT, D. - **O Ambiente e os Processos de maturação**. Porto Alegre, Artmed.1983

WINNICOTT, D. - **Privação e Delinquência**. São Paulo: Martins Fontes,1987

WINNICOTT, D. - **Tudo começa em casa**. São Paulo: Martins Fontes,1996